

O Brasil quer discutir crise da dívida na ONU

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O Brasil defendeu na sexta-feira o debate da dívida externa dos países menos desenvolvidos na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas. Segundo O embaixador brasileiro Paulo Nogueira Batista, os países industrializados se opõem ao exame do tema na ONU alegando que a Assembléia Geral é essencialmente um corpo político.

"Mas a verdade é que negociação alguma jamais ocorreu entre as nações devedoras e credoras dentro das instituições de Bretton Woods" (o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional), argumentou Batista. O FMI e o BIRD, a seu ver, entram no processo apenas como agentes "na implementação da abordagem dos credores ao problema da dívida".

O embaixador brasileiro reconheceu que a estratégia de redução da dívida do Terceiro Mundo iniciada com o Plano Brady tem aspectos positivos, sobretudo conceituais, como o reconhecimento de que esses países precisam de redu-

ção do estoque e ou serviço do débito. Mas Batista observou que o plano tem pontos fracos, de natureza prática, como o volume de recursos, que permitirá apenas uma modesta redução de 20% na dívida, isso no caso dos devedores mais afortunados.

"Uma nova estratégia da dívida, para ser efetiva, terá que ir além da contribuição apenas do setor privado", sustentou Nogueira Batista. E terá que eliminar, não apenas reduzir, a transferência de recursos líquidos dos países mais pobres para os mais ricos, que classificou de "um Plano Marshall às avessas".